

# VII SEMINÁRIO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO PIAUÍ

26 A 28 DE OUTUBRO DE 1992

## ANAIS



---

**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio-Norte  
Ministério da Agricultura e do Abastecimento**

Teresina, PI

1997

**Embrapa/CPAMN. Documentos, 12**

**Exemplares desta publicação podem ser solicitados à:**

Embrapa/CPAMN

Av. Duque de Caxias, 5650

Telefone (086) 225 1141

Telex (086) 2337

Caixa Postal 01

Fax (086) 225 1142

**Tiragem:** 200 exemplares

SEMINÁRIO DE PESQUISA AGROPECUÁRIA DO PIAUÍ, 7., 1992, Teresina. **Anais.** Teresina: EMBRAPA-CPAMN, 1997. 301p. (Embrapa-CPAMN. Documentos, 12)

1. Agropecuária - Pesquisa - Resultado. I. EMBRAPA - Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio-Norte (Teresina, PI). II - Título. III. Série

CDD 630.72

© Embrapa 1997

# PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DE PEQUENOS PRODUTORES E A PROBLEMÁTICA DA ADOÇÃO DE TECNOLOGIAS: O CASO DE MONSENHOR GIL, PI<sup>1</sup>

SÉRGIO LUIZ DE OLIVEIRA VILELA<sup>2</sup> e MARIA DIONE CARVALHO DE MORAES<sup>3</sup>

**RESUMO** - A adoção de tecnologias agrícolas no estado do Piauí é um tema de relevância econômica e social, visto ser o setor primário uma das maiores fontes de renda do estado e terem os pequenos produtores uma presença marcante na estrutura da produção. Diante da suposição de que a não adoção de tecnologias modernas pelos pequenos produtores é um limite à produção agrícola no estado, o objeto de análise são os determinantes sócio-econômicos que interferem nesse processo. Os dados foram levantados através de fontes primárias e fontes secundárias. As primeiras foram os próprios agricultores e técnicos do município de Monsenhor Gil, PI, pesquisados através da aplicação de 46 questionários e as segundas foram documentos dos órgãos públicos ligados ao setor agrícola. O resultado foi o delineamento do perfil sócio-econômico dos pequenos produtores da área estudada. No que pese o estágio em que se encontra a análise dos dados pôde-se perceber, de forma prospectiva, uma relação entre o perfil sócio-econômico dos agricultores e a problemática da adoção de tecnologias.

---

<sup>1</sup>Trabalho elaborado para apresentação no XXXI Congresso da SOBER.

<sup>2</sup>Eng. Agr., M.Sc. Sociologia Rural, Pesquisador EMBRAPA - Centro de Pesquisa Agropecuária do Meio Norte(CPAMN), Cx. Postal 01, 64006-220 Teresina-PI.

<sup>3</sup>Socióloga, M.Sc. Sociologia rural, Professora assistente do DCS/UFPI, Caixa Postal 2073 - 64049-970 Teresina, PI.

## INTRODUÇÃO

A questão da tecnologia na agricultura, no que respeita a pequenos produtores<sup>4</sup>, aponta para a existência de um campo complexo e contraditório onde o "novo" e o "velho" se chocam mas nem sempre se opõem<sup>5</sup>. Esta premissa abre um indicativo para a análise de processos de adoção de tecnologias em sua relação com os instrumentos de política agrícola existentes, visto que os indicadores sócio-econômicos traduzidos por esses instrumentos contribuem na elaboração de perfis dos diversos segmentos de pequenos produtores no âmbito da problemática da adoção de tecnologias "modernas".

O presente trabalho, portanto, constitui um primeiro "paper" produzido a partir dos dados levantados pela pesquisa de campo de um estudo mais amplo: um projeto de pesquisa executado pela EMBRAPA/CPAMN que busca avaliar a partir de um ângulo sócio-econômico, os fatores que interferem no processo de adoção de tecnologias "modernas" no estado do Piauí, enfatizando a produção camponesa.

A preocupação em resgatar esses sujeitos sociais envolvidos, os camponeses<sup>6</sup>, justifica-se na medida em que o investimento em tecnologias agropecuárias num determinado sentido, assim como a organização da pesquisa e sua difusão mediados pelo Estado, devem ser entendidos não apenas de forma estrutural mas, também, do ponto de vista dos sujeitos sociais. Isto equivale dizer que a análise deverá privilegiar a relação estrutura-sujeito e, nesse sentido, importa conhecer tanto uma quanto o outro e, mais do que isto, a própria relação dialética entre ambos. Em assim sendo, os sujeitos sociais envolvidos devem ser resgatados na análise enquanto sujeitos políticos (o que pressupõe interesses em disputa)-sejam camponeses, pesquisadores, extensionistas, líderes sindicais - politizando a própria relação estrutura-sujeito e

---

<sup>4</sup> Em vista do intenso debate existente na literatura em torno das categorias "pequeno produtor" e "camponês", esclarecemos que a utilização da categoria pequeno produtor no presente trabalho deve ser entendida como referência à categoria pequeno produtor no presente trabalho deve ser entendida com referência à categoria camponês que consideramos conceitualmente mais ampla na medida em que estapola a dimensão econômica pressuposta no conceito de pequena produção. O emprego do termo pequeno produtor aqui atende mais a uma linguagem institucional onde é mais corrente. No entanto, também utilizamos o termo camponês, quando abordamos a categoria, genericamente.

<sup>5</sup> Ver a respeito, Figueiredo (1989) quando afirma que, se por um lado o problema tecnológico na agricultura vem assumindo importância crescente para o movimento dos trabalhadores rurais, a visão mesma que os trabalhadores têm a respeito da tecnologia absorvida na agricultura pode ser analisada como sendo complexa e contraditória e ainda não suficientemente elaborada em termos de se constituir enquanto um projeto político para o setor agropecuário. Para a autora, no entanto já se esboçam alguns elementos de um tal projeto, principalmente no que tange tanto à necessidade de publicização das dimensões e implicações do pacote modernizador - no modernizador - no que toca ao uso controlado de tecnologias modernas - quanto à necessidade de reconhecimento da competência de outros saberes além daquele absolutamente técnico. Para parcelas significativas de produtores rurais, no entanto, a tecnologia moderna facilita o trabalho além de conduzir a uma melhoria da qualidade de vida.

<sup>6</sup> Consideramos como um esboço conceitual para pensar campesinato, quatro elementos, a saber: a predominância da força de trabalho familiar no processo produtivo; processo de trabalho específico (conformado pelo acesso à terra e aos meios técnicos de produção) objetivando a reprodução da unidade de produção e consumo; alternatividade de acesso ao mercado; existência de um modelo cognitivo mais amplo (saber) onde se insere uma tecnologia camponesa. Para maiores detalhamentos, cf. Mota (1990), Soares (1981), Suarez (1983), Moraes (1993), Grzybowski (1985).

resgatando a dimensão política da tecnologia ou seja, propondo uma concepção da tecnologia como algo que não é neutro e, sim, determinado socialmente.

O pressuposto da não-adoção de tecnologias por parte de pequenos produtores tem aparecido, principalmente no âmbito institucional, como um problema. É uma questão colocada em âmbito geral, tanto do ponto de vista das regiões, quanto das tecnologias disponíveis. A literatura especializada tem abordado a questão por vários ângulos dos quais três se apresentam como mais significativos, a saber: a vertente difusionista que trata do tema pela abordagem do "baixo nível cultural" do pequeno produtor, a vertente adaptacionista que trata pelo ângulo da "inadequação da tecnologia," e a vertente que trata pelo ângulo do chamado "caráter excludente da modernização tecnológica". Genericamente e, em que pesem as especificidades das várias tendências que compõem tais vertentes, pode-se afirmar que há uma certa aproximação entre elas, no sentido de que apresentam limites a serem superados.<sup>7</sup> Em linhas gerais, não têm em conta a questão do resgate do chamado "saber camponês" que pode ser considerado como a formulação de uma quarta vertente importante.

Do ponto de vista da existência de um baixo nível cultural do pequeno produtor, Vieira (1986) afirma: "(...) o baixo nível tecnológico do pequeno produtor rural é caracterizado por; a) manejo inadequado do solo e água; b) plantio de grãos ao invés de sementes melhoradas; c) plantio de culturas com ciclo incompatível com o período de maior incidência de chuvas; d) não-utilização de defensivos, fertilizantes e equipamentos de trabalho adequado. Esta deficiência está intimamente relacionada com aspectos culturais do produtor".

Esta concepção - que tem predominado largamente em programas de difusão de tecnologia no Brasil - vem de uma matriz neoclássica, baseada na dicotomia "moderno/atrasado", fundamentada numa racionalidade "científica" onde o conhecimento científico ocidental é o único saber considerado legítimo. Nesse sentido, opõe o "saber técnico" ao "baixo nível cultural" dos pequenos produtores<sup>8</sup>. Esta é a premissa da modernização conservadora que se processou no Brasil baseada na racionalidade tecnológica da "Revolução Verde".

Do ponto de vista da inadequação de tecnologia, Pastore apud Frota, (1985), afirma que: "A adequação da tecnologia é fator chave na formação da probabilidade de sucesso percebida pelo agricultor em geral e pelo agricultor de subsistência em particular."

A falta de adequação das tecnologias disponíveis às condições de solo, clima, topografia e comercialização da produção dos produtores de subsistência coloca-os em um círculo vicioso: o baixo nível tecnológico da agricultura praticada provoca baixos retornos que poderiam ser utilizados para redução de riscos e incertezas; dentro desse quadro, permanece a não adoção. A relativa resistência a adotar certas tecnologias parece decorrer muito mais das condições de incerteza que cercam o agricultor do que aspectos de sua personalidade. Esta incerteza tem origem em três tipos de fatores relacionados: a) fatores ligados ao agricultor; b) fatores ligados à tecnologia; c) fatores ligados ao meio (Pastore, apud Frota, op. cit.).

---

<sup>7</sup>Tais vertentes, apesar de um limite até certo ponto comum, chegam a ser excludentes entre si, e noutros aspectos. A análise das especificidades de cada uma apontaria aproximações e diferenças. Para um maior detalhamento dessa questão ver Almeida (1989).

<sup>8</sup>Para uma discussão dos aspectos da "cientificidade" e "não-cientificidade" dos saberes dos técnicos e dos camponeses, ver Neves (1989).

A vertente que trata a questão pelo ângulo da inadequação da tecnologia, embora pareça avançar em relação à anterior ao afastar-se da perspectiva do "baixo nível cultural do agricultor" para questionar a própria tecnologia, considerando a sua "inadequação", permanece presa à dicotomia "moderno/atrasado" (há um "baixo nível tecnológico" - fator de insegurança - que necessita ser modernizado) e encontra-se limitada pela sua própria proposta de solução que na verdade vem se constituir em uma outra dicotomia que é aquela da dualidade dos modelos tecnológicos. Esta vertente não questiona a validade do modelo em geral, a nível da sociedade, mas apenas no que toca a uma parcela dos agricultores.

A perspectiva analítica que parte do pressuposto do caráter excludente da modernização, ao ter em conta a tecnologia como uma relação de poder, parece-nos, portanto, a que maiores possibilidades oferece, no sentido de se analisar a problemática não apenas da adoção mas, sobretudo, do processo de produção, difusão e consumo de tecnologias. A contribuição mais importante deste enfoque é exatamente a de colocar em xeque a relevância do problema da não-adoção, ou seja: a questão da não-adoção é um falso problema, na medida em que não considera um ponto de partida anterior, qual seja, o da produção social da tecnologia.

Por outro lado, torna-se necessário alertar para o fato de que esta concepção também pode apresentar um limite para apreensão do real se tiver em conta apenas determinações externas que atuam sobre os camponeses. Esta consideração pressupõe portanto que, ao lado dessas determinações estruturais, impostas pelo avanço do capitalismo no campo há que se considerar também as estratégias de resistência e de sobrevivência dos camponeses que vivenciam as transformações impostas pelo capitalismo a partir de uma forma particular de ver esse processo, com uma racionalidade diferente da racionalidade modernizadora e, portanto, numa outra esfera do saber.

Isto equivale a reconhecer a existência de um saber camponês<sup>9</sup> como algo a ser considerado como instrumento de transformação no próprio campo tecnológico. O presente trabalho, embora não aprofunde essa temática e priorize a dimensão do caráter excludente da modernização, tem em conta que o processo de modernização exclui também o reconhecimento dos camponeses como portadores de um conhecimento que se refere a um modo de percepção e de inteligência de si mesmos e do mundo. Resgatá-los como sujeitos cognoscentes, justifica por si só a importância de levantar, num primeiro momento da pesquisa, informações que vão proporcionar um referencial para o que se poderia denominar de "perfil sócio-econômico" que não se constitui num fim em si mesmo mas, tão somente, num ponto de partida para a busca de suas múltiplas determinações.

O objetivo do presente trabalho é, portanto, o de organizar um perfil sócio-econômico dos camponeses investigados, entendendo-se que esta "arrumação" é um ponto de partida fundamental para continuar tanto a análise de outros dados, quanto a própria continuidade da pesquisa e o levantamento de novas questões relativas ao tema estudado.

---

<sup>9</sup>Ver a respeito, Grzybowski (1985): "o saber dos camponeses é constituído de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores obtidos através de práticas educacionais de que participam como, sobretudo, das experiências de trabalho e vida (...). Ele é fundamentalmente uma síntese dos próprios camponeses que expressa e representa para eles a natureza, a sociedade e sua situação. É parte de sua cultura e instrumento na elaboração de sua identidade social". Cf., ainda, Suarez et al (1983) e Moraes (1993).

## MATERIAL E MÉTODOS

Subjaz à proposta metodológica do projeto de pesquisa uma concepção de pesquisa sócio-econômica que privilegie em sua análise as relações sociais apontadas pelos dados levantados. Neste sentido, ao invés de traçar variáveis definidas "a priori" como condutor da pesquisa de campo, optamos pelo levantamento de vários indicadores - através da aplicação de questionários - que dizem respeito a: trajetória social dos pequenos produtores; organização da produção; tecnologia utilizada; estratégias de reprodução e "visão de mundo", sendo que para este trabalho utilizamos apenas os indicadores de "trajetória social" e "organização da produção", ficando os outros para uma etapa posterior.

Num primeiro momento foram aplicados 46 questionários cuja sistematização deverá direcionar a realização de entrevistas visando aprofundar aspectos que demandem maiores detalhes e cujo aprofundamento extrapole os limites dos questionários.

A aplicação dos questionários se deu no decorrer de uma semana, ao final da qual foram feitas duas reuniões de avaliação e de troca de informações a respeito desse primeiro momento da pesquisa de campo. A primeira reunião foi realizada no município de Monsenhor Gil, logo após o encerramento da aplicação dos questionários com a presença dos assistentes de pesquisa, o gerente da cooperativa, membros da equipe local da EMATER-PI. A segunda reunião foi realizada na EMBRAPA/CPAMN, com a participação do coordenador do projeto e dos assistentes de pesquisa.

A fase atual da pesquisa é a de sistematização dos dados dos questionários sendo que, até o momento, foram organizados como referência para o presente trabalho aqueles relativos à montagem de um perfil sócio-econômico dos produtores de feijão Caupi (*Vigna unguiculata* (L.) Walp) do município de Monsenhor Gil - PI.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados levantados e analisados, até o momento, quanto ao perfil sócio-econômico dos camponeses investigados, requerem algumas interpretações. Preliminarmente, definimos dois traços importantes na caracterização do grupo investigado: trajetória social e organização da produção.

### Trajетória social:

As informações relativas à origem (Fig. 1), revelam o "enraizamento" desses camponeses na microrregião, município ou comunidade pressupondo, portanto, a presença de fortes traços culturais locais e regionais. Um outro dado que reforça esta indicação é o que se refere ao tempo de permanência desses camponeses no local onde vivem (Fig. 2): dos 46 entrevistados, 12 se encontram na faixa dos que vivem há até 10 anos no local; 09 se encontram na faixa de permanência de 11 a 20 anos; 05 vivem de 21 a 30 anos; 07 vivem de 31 a 40 anos; 10 vivem de 41 a 50 anos; e 03 vivem há mais de 50 anos no mesmo local.

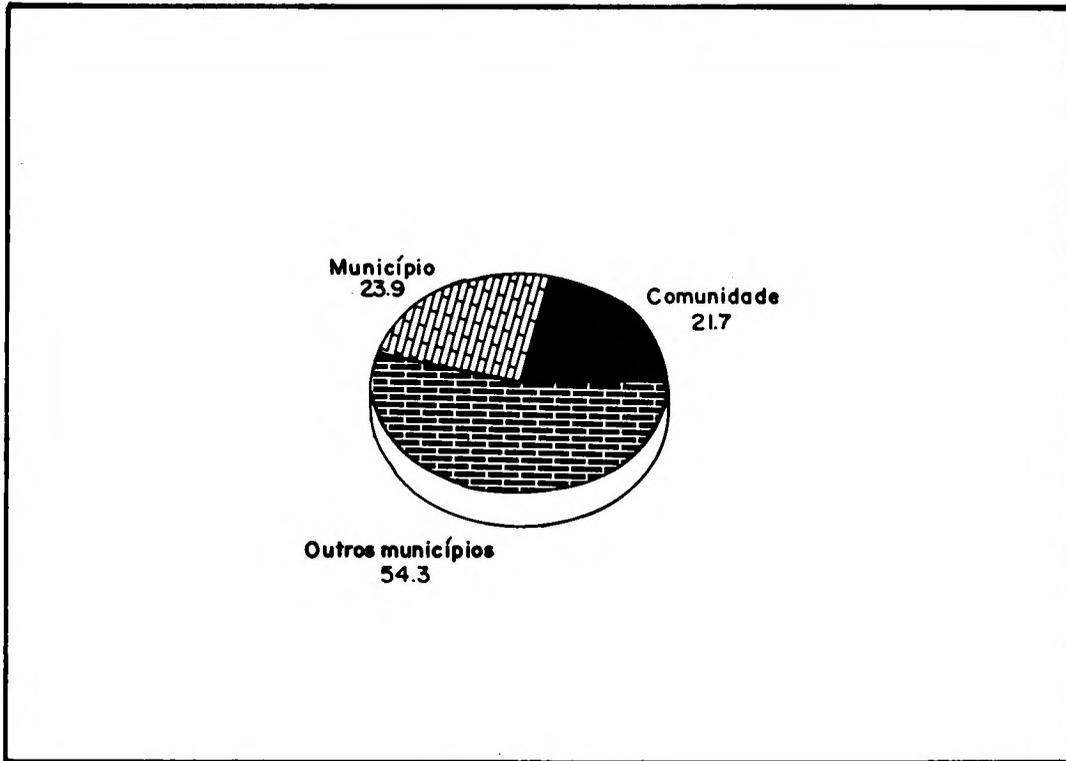


FIG. 1. Origem do Responsável

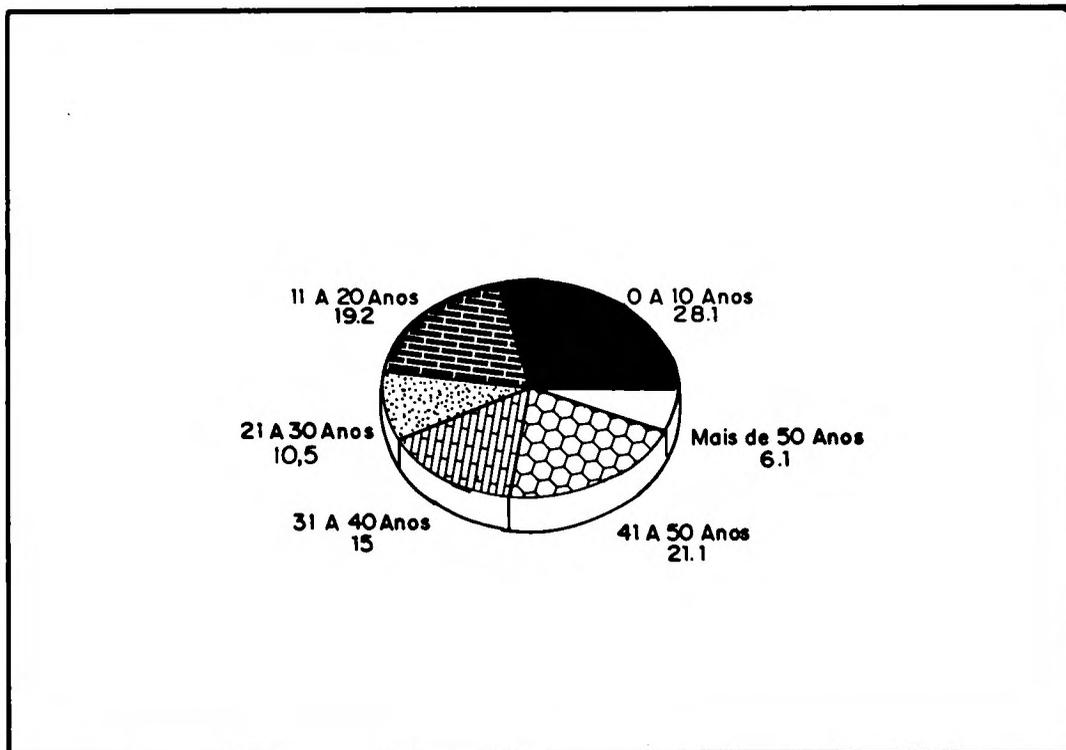
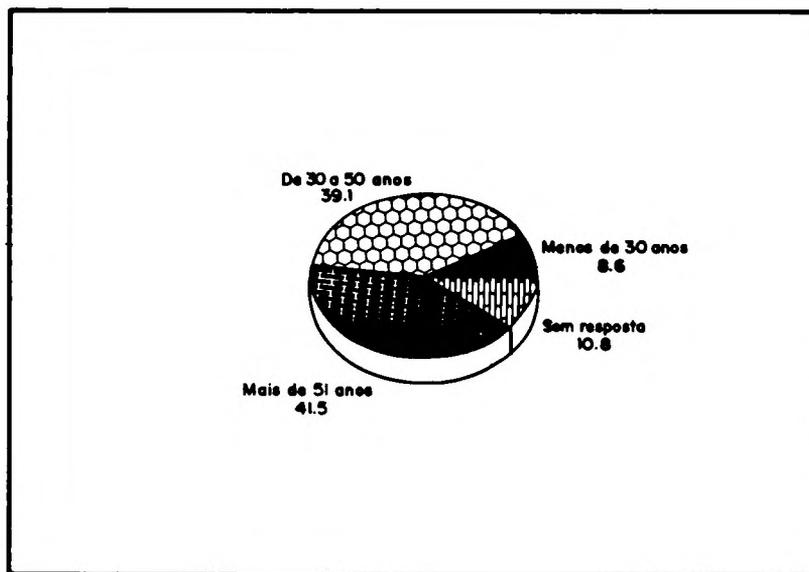


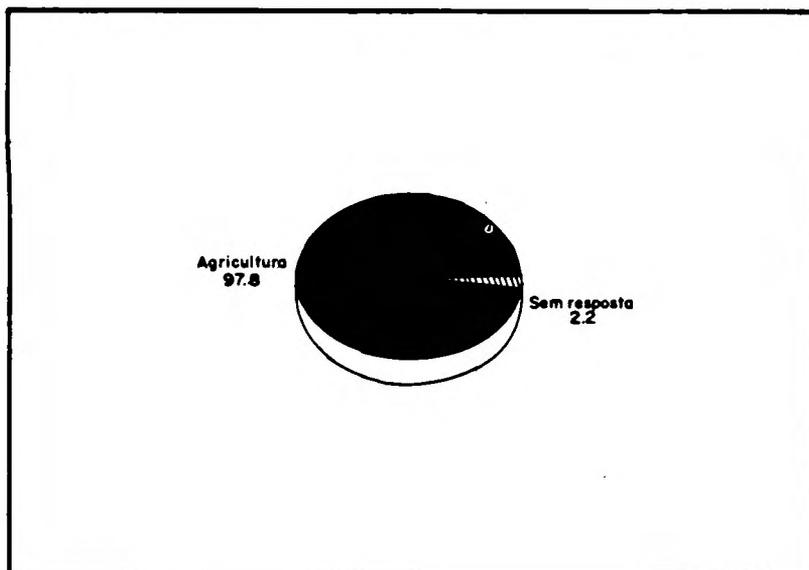
FIG. 2. Tempo de permanência no local

Estes indicadores de origem e de tempo de permanência no local, aliados aos dados relativos à faixa etária (Fig. 3), onde predomina a faixa superior aos 30 anos, além dos dados que demonstram que dos 46 entrevistados, 45 declararam ter origem social na agricultura (como vaqueiro, arrendatário, morador, proprietário), apontam para a necessidade de se considerar sua vivência prática na agricultura, vivência esta que pode terminar por estabelecer uma relação de poder (a partir do volume de informações por eles acumulado), traduzida por um modelo tecnológico organicamente vinculado à sua realidade sócio-econômica e cultural. Por outro lado, 97,8% dos entrevistados continuam tendo na agricultura a sua principal atividade, (Fig. 4).



F-3 P-80

FIG. 3. Faixa etária do responsável



F-4 - 01 80

FIG. 4. Atividade principal do responsável

Estes dados, aliados aos que tratam do grau de instrução (Fig. 5), remetem à necessidade de se investigar as formas de atualização do modelo tecnológico de forma a permitir a discussão a cerca do caráter da sistematização de saberes e da tecnologia utilizada por estes camponeses. Neste sentido, propomos fugir da associação linear que correntemente é feita entre grau de instrução e a problemática da adoção de tecnologias "modernas".

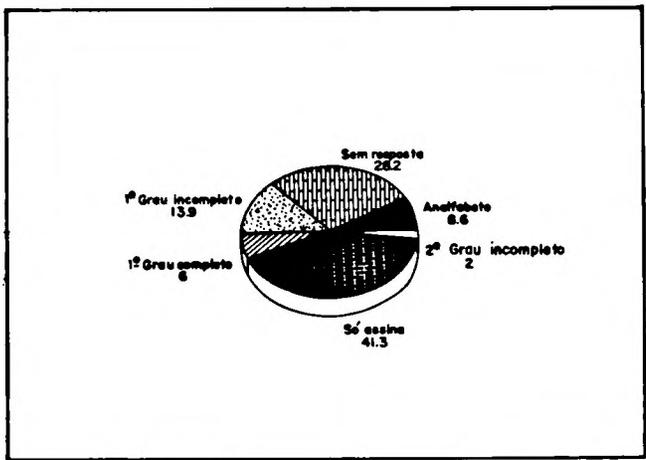


FIG. 5. Grau de instrução do responsável

Um outro dado que se considera importante, do ponto de vista da presente discussão é a relação com os movimentos sociais (Fig. 6) que, em não existindo, poderia apontar para um determinado grau de isolamento destes camponeses, dificultando, entre outros o recebimento e o processamento das informações necessárias à adoção. Os dados mostram que, entre sindicalizados e associados somam-se 65,3%, configurando assim um considerável grau de associativismo. Acrescentamos, no entanto, que torna-se necessário investigar através das entrevistas a natureza da relação apontada por este índice de associativismo. Quais as determinações da relação camponeses e entidades sindicais, situando, a importância dessa relação no contexto da análise.

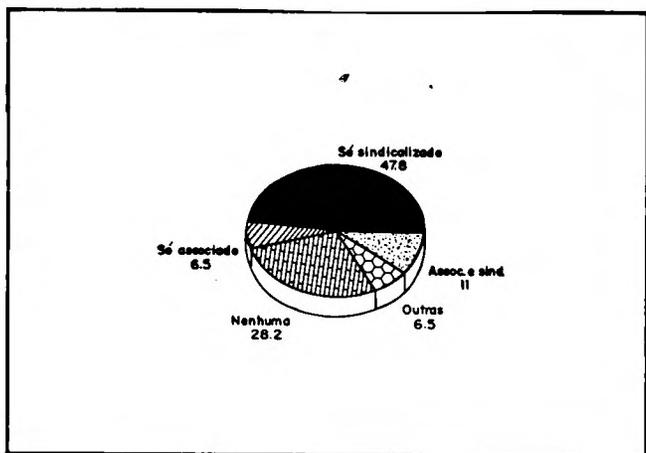


FIG. 6. Relação com os movimentos sociais

## Organização da produção:

Quanto à organização da produção são considerados como indicadores sócio-econômicos aqueles que se referem à "relação com a terra", à "relação com o crédito", ao "destino da produção", à "relação com o mercado" e, ao "tamanho da área".

No que se refere à relação com a terra, os dados da Fig. 7, mostram que 73,9% dos entrevistados têm o título de propriedade da terra, o que lhes garantiria teoricamente, pelo menos, uma certa tranquilidade para investir ou planejar a longo prazo. No entanto, estes dados quando relacionados com os dados sobre crédito, onde 100% dos entrevistados não o utilizam há, pelo menos cinco anos, verifica-se que apenas a propriedade da terra não garante investimento nem planejamento e, portanto, não arante a adoção de tecnologias "modernas" que normalmente demandam uma disponibilidade considerável de recursos financeiros pelo adotante. Torna-se necessário ainda investigar as próprias representações que os camponeses elaboram a respeito dessa relação e qual o papel estratégico da relação com a terra em seus projetos econômicos.

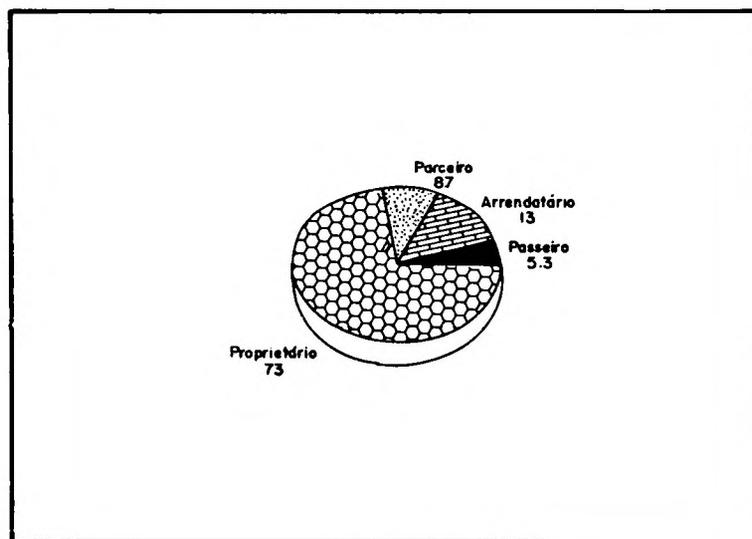


FIG. 7. Relação com a terra

Ao contrário do que afirmam alguns estudiosos quando dizem que os produtores descapitalizados normalmente produzem para subsistência e, por isso, não têm interesse em adotar tecnologias modernas, os camponeses interlocutores desta pesquisa, tem destinado a sua produção predominantemente para o mercado, em torno de 83,1%, enquanto que apenas 16,9% é destinado para o auto consumo (Fig. 8). Estes dados podem indicar, pelo menos, hipoteticamente, a existência de um determinado interesse destes produtores por tecnologias que contribuam para aumentar a sua produção e produtividade, ou seja, eles são, indiscutivelmente, clientes ou demandantes de tecnologias já que o mercado, tanto oficial quanto alternativo, nas suas diversas formas e especificidades (venda direta ao consumidor, ao intermediário local, ao intermediário de fora, à cooperativa, na feira municipal e na feira comum) - as quais eles

conhecem muito bem, (Fig. 9 ) - se constitui na sua principal estratégia de sobrevivência. No entanto, chamamos a atenção para a necessidade de se determinar, de forma mais aprofundada, qual o caráter da relação desses camponeses com o mercado: trata-se de venda de excedentes ou de uma troca monetária? a resposta a esta questão nos parece fundamental para a discussão em pauta.

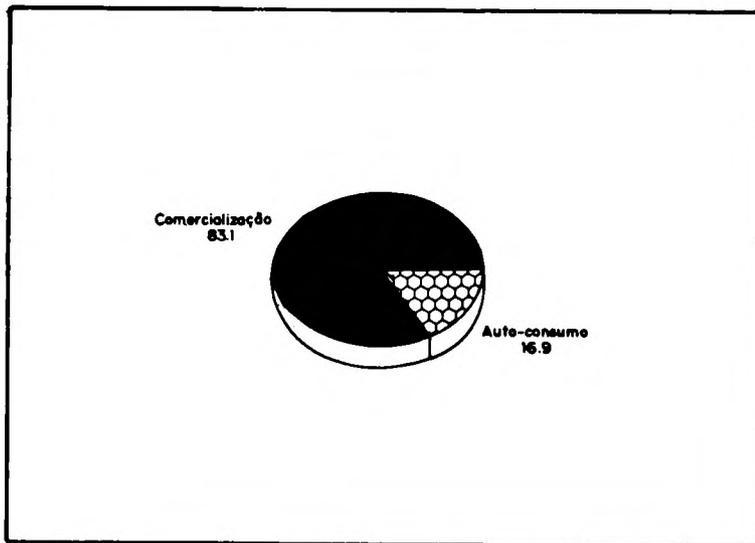


FIG. 8. Destino da produção

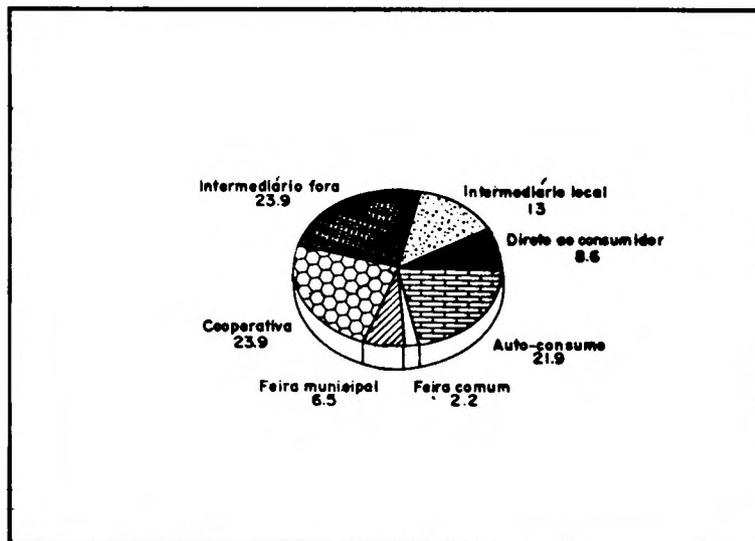


FIG. 9. Relação com o mercado

Por outro lado, no entanto, os dados sobre o tamanho das áreas média total (27,4 hectares) e média explorada (10,4 hectares), aliados aos dados da utilização de mão-de-obra (Fig. 10) que, embora mostrando a mão-de-obra, como predominantemente familiar, também indicam um alto índice de utilização de mão-de-obra contratada. Estes dois indicadores juntos

apontam para um índice relativamente alto de utilização da terra, podendo este fato configurar-se como uma estratégia de superação do baixo nível de sistematização<sup>10</sup> de recursos técnicos/tecnológicos, o que, de certa forma, pode explicar também os dados já comentados da relação com o mercado (Fig. 9), aparentemente contrastantes com o nível de capitalização e o índice de utilização de crédito agrícola por estes produtores.

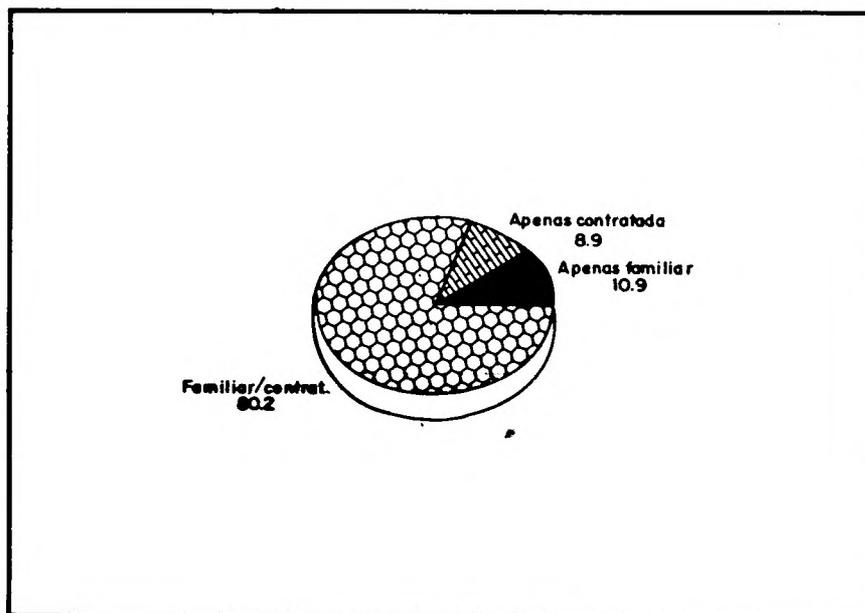


FIG. 10. Mão-de-obra

## CONCLUSÕES

O levantamento do perfil sócio-econômico dos agricultores pesquisados mostrou-se como um dado relevante no contexto do projeto de pesquisa, por revelar aspectos importantes a serem considerados na discussão em torno da problemática da adoção de tecnologias "modernas" disponíveis. Os indicadores apresentados no item "observações preliminares", colocam para a pesquisa muito mais questões que devem ser aprofundadas na próxima fase do trabalho de campo, através das entrevistas, do que propriamente resultados conclusivos.

A análise do perfil sócio-econômico dos agricultores é fundamental, tanto por demandar a compreensão dos determinantes externos (como aqueles definidos a nível mais amplo das relações sociais de produção a saber, a propriedade da terra; oferta de crédito, entre

<sup>10</sup>A questão apontada aqui como sendo uma "estratégia de superação", por parte dos camponeses, remete à necessidade de se aprofundar no decorrer da pesquisa a questão do "modelo tecnológico" (Moraes, op. cit.) e as atualizações desse modelo. Em consequência, traz à cena a questão do saber e da tecnologia camponesa.

outros), quanto por indicar a existência de determinantes internos ao processo produtivo e que podem ser definidos como uma racionalidade própria e peculiar à organização (imediata) da produção camponesa - como estratégias de sobrevivência elaboradas a partir tanto da própria inserção subordinada desses camponeses no processo de modernização, quanto da sua vivência nesse mesmo processo. A consideração desses dois grupos de determinações no presente trabalho, portanto, se insere no enfoque teórico que orienta a "leitura" dos resultados aqui apresentados e o conjunto da pesquisa.

Neste sentido, a partir do ponto de vista teórico-metodológico que propomos, a tarefa que se nos coloca daqui pra frente é a apreensão da "lógica camponesa" e o seu confronto com a "lógica institucional". Tal enfrentamento deverá lançar novas luzes em torno da problemática da adoção, situando novos termos para o debate.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J.P. Tecnologia "moderna" versus tecnologia "alternativa": aluta pelo monopólio da competência tecnológica na agricultura. Porto Alegre: UFRGS, 1989. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1989.
- FIGUEIREDO, V. O campo histórico-político da tecnologia e os trabalhadores rurais sindicalizados. Temas Rurais, Tecnologia Agrária e Sociedade. Recife, v.2, n.3, p.27-42, jan-abr. 1989.
- FROTA, A.B. Avaliação do grau de adequação das tecnologias geradas e transferidas aos agricultores do médio Parnaíba piauiense. Teresina: EMBRAPA-UEPAE Teresina, 1985.
- GRZYMBOWSKI, C. O saber dos camponeses em face do saber das técnicas. Proposta, Rio de Janeiro, n.27, p. 60-63, nov. 1985.
- MORAES, M.D.C. de. Organizações não-governamentais e campesinato: novas alianças políticas no campo tecnológico (o caso do CAA/Norte de Minas e dos camponeses de Corgão/Boa Esperança. Campina Grande: UFPB, 1993. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Universidade Federal da Paraíba.
- MOTA, D. M. da. Os camponeses e a busca da "autonomia possível" (estratégias de sobrevivência e de resistência na implantação de projetos de irrigação no estado de Sergipe). Campina Grande: UFPB, 1990. Dissertação (Mestrado em Sociologia Rural) - Universidade Federal da Paraíba. 1990.
- NEVES, D. P. Modernização tecnológica: inclusões/exclusões. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 27, 1989, Piracicaba. Anais... Brasília: SOBER, 1989. v.2. p. 342-368.

**SOARES, L.E. Campesinato: ideologia e política. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. (Coleção Agricultura e Sociedade).**

**SUAREZ, M. et al. Saber e reprodução camponesa. Anuário Antropológico 81. Fortaleza: UFC, 1983. p. 149-229.**

**VIEIRA, V. Avaliação de recursos naturais e sócio-econômicos do Estado do Piauí. Teresina: EMBRAPA-UEPAE Teresina, 1986.**